

Teoria crítica, estética e educação¹

Rodrigo Silva Caxias de Sousa*

Os dois primeiros ensaios do livro, "A arte é alegre?" e "Teses sobre religião e arte hoje", são textos de Theodor W. Adorno. O primeiro dos textos revela o caráter de alegria e seriedade intrínseco à arte em decorrência da possibilidade de se desviar dos meandros da dominação, tornando-se preponderantemente promessa de liberdade em meio a uma sociedade escravizadora. O autor ressalta que o que caracteriza a arte como alegre é o seu procedimento e o seu caráter abstrato e de denúncia. Contraditoriamente, é a realidade o insumo da arte, e a tensão entre seriedade e alegria concatenada as suas contradições internas irá constituir a arte como tal. Essa relação está submetida a uma dinâmica histórica, e a arte só é possível enquanto atividade reflexiva, sendo que sua alegria só poderá existir se for preocupada com a não-barbarização da vida. Conjunturalmente, o humor converte-se em uma paródia. Não há a mínima possibi-

lidade de rir de manifestações nazifacistas.

Quanto ao segundo texto de Adorno, o autor trata como sendo utopia uma possível reconciliação da unidade arte-religião. Percorrendo instâncias históricas, o autor revela que essa relação tem sido de tensão, e a arte, em determinadas conjunturas históricas, ficou submetida ao cabresto da religião. Há de se desconfiar de qualquer tentativa de aproximação da arte com a religião. Qualquer intento nesse sentido pode ser manifestação de uma função semiformativa da arte. Enfaticamente, o autor reforça a futilidade das tentativas de reincorporação de conteúdo religioso à arte, dando como exemplo a poesia moderna (quando trata da religião), ocorrendo uma deterioração do simbolismo religioso. Finalizando, o autor, a partir de Leibnitz, compara a obra de arte a uma mônada, na qual existe o universal e, dentro de sua individualidade, a arte deve

* Mestre em educação pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: caxias@upf.br

¹ RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro; PUCCI, Bruno (Org.). Campinas: Autores Associados, UNIMEP, 2001. 195 p.

se impregnar do seu próprio mundo e das sutilezas das coisas únicas e individuais desse mundo.

No ensaio intitulado “Mundo ‘globalizado’ e estetização da vida”, Rodrigo Duarte faz críticas à estetização da realidade e revê o conceito do termo “globalização”, inicialmente remetendo-nos a Karl Marx e ao conceito de mais-valia e apontando para a obsolescência da lei do valor. Nesse sentido, questiona qual a necessidade que o próprio sistema teria no que se refere à criação de mecanismos que burlem as relações econômicas. Mostra-nos o autor que, historicamente, através da luta de classes e da concorrência entre os próprios capitalistas, alguns ganhos da classe trabalhadora acabam catalisando um processo de despolitização do proletariado. A produção das necessidades humanas no capitalismo monopolista é fruto do ideologicamente forjado. O cabresto da humanidade pela humanidade passa a ser a lógica do sistema, e a indústria cultural irá criar necessidades através dos mecanismos psicológicos aguçados pelas novas engenhocas comunicacionais (cinema, rádio, televisão). A indústria cultural padroniza a possibilidade reflexiva dos indivíduos, levando-nos a uma forma espontânea e passiva de consumir. Por fim, o autor diz que a dominação estética está vinculada à ilusão de uma realidade reconstruída e à produção psicanalítica de uma construção incondicional. A globalização é o *gran finale* do capitalismo tardio, a máxima da esteti-

zação da vida cotidiana. A realidade virtual e a WEB são exemplos dessa estetização bárbara e de realidades sensoriais débeis.

No quarto ensaio, “Educação: pensamento e sensibilidade”, Newton Ramos-de-Oliveira tece uma crítica ao subjetivismo que existe por trás da indústria cultural, ou seja, a semiformação cultural caracterizando-a como anti-socrática e antiplatônica. Partindo do texto “A apologia de Sócrates”, escrito por Platão, o autor sugere que a postura crítica de Sócrates cumpre a função educativa pública, mostrando-nos que educação e filosofia provêm da mesma fonte. O *banquete*, *Fédon* e *Fedro* explicitam diversas tensões entre mimesis e verdade, buscando o significado da arte. As manifestações semiculturais vão sendo desveladas através de exemplos como a série de livros *Great Symphonies*, da revista *Speak up*, da coleção *One Minute Classics*, que nos apontam para procedimentos bestializados da semiformação cultural que nos é imposta e que nos transforma em passivos consumidores. A semiformação é o próprio impedimento à cultura. A antifilosofia do saber e do perceber passa a ser a tônica na sociedade administrada; no entanto, a educação deve se opor a essa apatia proveniente da barbárie cotidiana. Por fim, o autor busca em dois textos de Adorno (“O ensaio como forma” e “Literatura engajada”) a possibilidade da forma exprimir o conteúdo intelectual “alegre” a que o autor quer enfatizar através de

um rigor filosófico e pelo pensamento original, característicos do ensaio. O ensaio não será jamais uma tese fechada, mas sobretudo uma proposição rigorosa quanto aos elementos constituintes de um *problema* (grifo meu) que está sendo analisado. E que a arte para se efetivar enquanto elemento de liberdade deverá agir em direção a tensão estabelecida entre pensamento e sensibilidade, “através do diálogo socrático (que não quer ter a certeza do saber) e da fruição artística.

“Sobre as relações entre ética e estética no pensamento de Adorno”, ensaio da professora Jeanne Marie Gagnebin, a autora corrobora a idéia de que as reflexões éticas e estéticas de Theodor W. Adorno foram alicerçadas no confronto dos conceitos-chave de mimesis e autonomia, e na proposta de que o pensamento de Adorno em toda a sua filosofia é permeado por uma questão fundamental: como pode o pensamento filosófico auxiliar no sentido de resistir (conceito de resistência) à barbárie vista nos campos de concentração e nas sociedades ocidentais manipuladas pela indústria cultural?

A autora começa respondendo a essa questão através da releitura dos dois parágrafos centrais de *Elementos do antisemitismo/limites do esclarecimento*”, onde Adorno e Horkheimer trataram da repressão a sentimentos como o medo, que são atitudes inconscientes de assimilação mimética com o meio, transformando a identidade do sujeito. No mo-

mento em que o sujeito perde sua identidade, passa a ganhar a identidade de *outrem*. Assim, a assimilação mimética apazigua as diferenças sociais, principalmente através da construção de pseudo-inimigos. A aniquilação do outro como algo espontâneo “justificaria” atitudes anti-semitas, principalmente quando a diferença em relação ao outro é extremamente familiar. A passividade e corporeidade estão submetidas a mecanismos de controle social que invadem o sujeito. Dessa forma, o fenômeno do anti-semitismo está intimamente vinculado ao sofrimento e ao corpo, à estranheza e à proximidade, ao involuntário, podendo, assim, “explicar” as origens do comportamento anti-semita. Por isso, a autora defende que mimesis e passividade estão intimamente ligadas à formação de um sujeito absoluto e paranóico. A experiência estética pode ser alternativa de acolher através de uma aprendizagem ética as diferenças, principalmente por fazer com que os diferentes se reconheçam como tais.

“Adorno: arte e utopia - entre o pessimismo político e um otimismo estético adornianos” é um texto que nos mostra que o passado e o presente nos deixam temerosos, pois Auschwitz é produzido diariamente em larga escala na sociedade pós-moderna. Como a arte é uma construção social humana que se relaciona com todas as outras dimensões das vidas dos indivíduos, o processo histórico nos mostra que, em determinados períodos, os artistas tenderam a in-

interpretar a “arte por arte”, ou a arte enquanto protesto social. Ambas as posições se direcionam a um reducionismo que só empobrece a análise quanto ao verdadeiro papel da arte envolta numa sociedade em que a luta de classes só visara ao poder. Busca o autor nas vanguardas artísticas, exemplificadas por Breton e pelo surrealismo, a existência da possibilidade de libertação do potencial subjetivo do indivíduo através da arte; neste caso, a poesia (autêntica linguagem da realidade maravilhosa) é a manifestação artística mais relevante. A potencialidade política é inerente à arte, sendo que o autor irá traçar, a partir de uma breve leitura da teoria estética, as imbricações entre este texto e algumas teses da teoria crítica que tratam da produção artística. A arte seria o mecanismo de manifestação singular e subjetiva, o grito de uma linguagem libertária.

O sétimo ensaio intitula-se “De Kierkegaard à dialética da comunicação: transformação da estética, ética e religião da *Habilitation* de Theodor Adorno”. Propõe o autor uma discussão acerca das posições de Adorno a partir da tese de sua livre docência. Pois bem, são três os fios condutores principais deste ensaio: o primeiro trata da estética hegeliana; o segundo, de Kierkegaard e da recepção, principalmente quanto à crítica a Hegel, e o terceiro relaciona-se à construção da ética. Hegel é citado tendo como base sua obra, *Fenomenologia do espírito*, no que tange às inter-relações e à mediação dialética que irá se estabe-

lecer entre ética, estética e religião. Para Hegel, a arte deve incluir a dimensão espiritual, mesmo que quando da cisso-lução da arte e da religião(moralidade), até porque a religião irá melhor cumprir o papel moral na sociedade, permitindo que a arte não sucumba à própria religião. Porém, a filosofia como processo reflexivo irá decretar a morte da religião e principalmente do cristianismo, que está preso às amarras da autoridade divina e aos seus dogmas terrenos. *Teoria estética* e a *dialética negativa*, textos de Adorno, são textos nos quais o autor questionará sobre qual o intento da arte e da filosofia para a sociedade. Pois bem, o pensamento hegeliano servirá como cerne das críticas adornianas quanto à filosofia, ética e estética, principalmente quanto à morte prematura dessas categorias. Quando falamos em ética e estética em Adorno, devemos ter a consciência de que a religião é um elemento partícipe, pois é parte da dialética na filosofia do espírito. Amós Nascimento nos mostra que, apesar da tríade religião, estética e ética, é necessário que entendamos qual a mediação histórica entre ambos os autores. Marx, Kierkegaard e Nietzsche são identificados como os três autores que melhor analisaram a relação teoria e práxis na filosofia de Hegel. Porém, é em Kierkegaard e na teoria dos três estágios que se verificará o duelo mais rígido com o pensamento hegeliano, a partir da inserção das categorias analisadas e da ausência de uma mediação dialética, encontrada em Hegel.



“Theodor Adorno e Marc Chagall: estéticas de manifesto como confinium de resistência” consiste num breve esboço histórico sobre as reflexões filosóficas da arte, em que a autora reflete sobre a produção de imagens artísticas e o seu potencial comunicativo. Remete-nos a Theodor Adorno e sua crítica à arte como elemento ideológico de escravização. Então, Carmem Lúcia Fornari Diez trata da arte de vanguarda, identificando na teoria crítica a crítica à ideologia dominante, mostrando que as idéias emancipatórias baseadas na razão, ao contrário do que se propuseram, levaram o homem a escravizar a natureza e, por conseguinte, a tornar-se escravo dele mesmo. Após a incidência do facismo, como o homem poderia verdadeiramente emancipar-se? Mesmo após a separação de arte e religião e da identificação de uma lógica própria à arte, ela ainda assim se tornou mecanismo semiformativo. Por ter um conteúdo social, a obra de arte será objeto da sociologia da arte. No caso de Marc Chagall, a arte é uma severa crítica ao anti-semitismo, pois a arte não pode ser neutra. A verdadeira arte é manifesto concreto da reflexão filosófica. A autora justifica que, para Adorno, o enfraquecimento da tensão entre arte e tradição trouxe para a arte o sentido da novidade, atribuindo, assim, um caráter mercadológico à crítica social. Marc Chagall, então, seria a expressão da arte coletiva, marginal, da arte que se propõe à denúncia dos campos de concentração. O anti-semitismo é o avesso da mimese e, baseada em Adorno, a autora atribui ao nacio-

nal-socialismo a impossibilidade de uma vida e arte lúdicas. É o procedimento de Chagall que produzirá a catarse quanto à denúncia das misérias. Sua temática, presente em solidão, crucifixão branca, guerra, êxodo, contestação, queda do anjo, queda de Ícaro e Orfeu, é sintomática do descontentamento e de revolta quanto ao anti-semitismo.

“Bufonices culturais e degradação ética: Adorno na contramão da alegria” é o ensaio que irá tratar da redimensão da produção cultural na sociedade administrada. No processo de coisificação das consciências dos consumidores, o entretenimento é, como diz Adorno, um mero prolongamento do trabalho. Entretanto, diversão é resignação. O processo de deformação cultural (semiformação) é a inexorável recusa à reflexão consistente e a inviabilização concreta de dimensões utópicas, onde a cultura forja catarses empobrecidas quanto ao conteúdo de liberdade, que não passam de projeções de identificação com o ídolo e com a mesmice. A semicultura usurpa o que a verdadeira arte tem no seu interior, e a arte que se tornara diversão é o exercício coletivo da submissão ideológica da indústria cultural, esterilidade perceptiva que serve à razão instrumental, insumo da dominação. Mas, no fundo, existe uma desmedida tristeza por detrás dos bufões.

No texto “Indústria cultural, mediação tecnológica e o potencial crítico da arte”, o autor discorre sobre a correlação entre modo de produção capitalista

de bens materiais e simbólicos forjados pela cultura de massa, traduzidos pela economia de mercado. Buscando as transformações tecnológicas dos meios de comunicação de massa, mostra-nos que a produção jornalística e ficcional é alterada significativamente, pois a ampliação do leque referente à notícia e aos meios de comunicação de massa não garantiu que o conhecimento produzido por essas novas tecnologias seja produzido e disseminado universalmente. O direito à informação é algo forjado historicamente, tendo como características a fragmentação e a estetização de mercadorias simbólicas. A notícia passa a ter um caráter sensacionalista e desvincula-se da ação social. A imagem legitima o cotidiano bárbaro através da volatilização dos bens simbólicos. Ainda que contenha elementos autônomos, a arte incorporará elementos produtivos da mídia, empobrecendo-a. A arte submete-se à técnica e perde seu caráter negativo, através de uma lógica de identidade não necessária à razão crítica.

“Anotações éticas e estéticas sobre a educação do educador” tenta mostrar-nos que o processo de aprendizado dependerá cada vez mais da incorporação das experiências concretas do indivíduo, ou seja, fatores subjetivos e inconscientes tendem cada vez a estar presentes nas relações de aprendizado. A partir de dois conceitos fundamentais (mecanismos de defesa para a psicanálise) que estão presentes tanto entre os frankfurtianos como em Freud, racionalização e resis-

tência, o autor nos coloca diante de um impasse: a necessidade da elaboração de conteúdos inconscientes desvinculados da relação psicanalítica. Essa distinção é o cerne ético e teórico da formação desse futuro professor.

Aponta para a literatura como sendo alternativa depositária de conteúdos inconscientes. Exemplifica através dos romances de formação (*bildungsromans*), que se configuram como a possibilidade, através da auto-reflexão, de elaborar desejos racalcados. Mas, na verdade, entender quais são os elementos subjetivos que levam os indivíduos a escolherem o magistério como atividade é questionamento fundamental. Segundo o autor, tomar consciência acerca da semiformação é uma atitude meramente paliativa e também é necessário que, enquanto educadores, estejamos alertas para o fato de que os conceitos de formação e dominação possam se dissociar no sentido prático e teórico do ato educativo.

“Reificação e autonomia: a dupla face da razão na estética musical de Theodor Adorno”, muito próximo de uma resenha crítica o ensaio trata da obra *Filosofia da nova música*, texto clássico de Adorno. Usando as noções de autonomia e reificação aplicadas à criação musical de Schoenberg e Stravinski é que Adorno, ao opô-las revela a problemática do processo de obscurecimento da razão na sociedade administrada. Glauce Arzua traça, a partir de um breve histórico acerca da música produzida entre os séculos XVII e XIX e que culmina com a ruptura ra-

dical, o dodecafonismo, que irá denunciar os padrões estéticos no início do século XX. Insere-nos, então, na problemática do texto de Adorno. A música radical tem o “conceito” de progresso estético. No entanto, alerta para o fato de que o dodecafonismo incorpora a ordem da técnica denunciada por Adorno e que, contraditoriamente, a mesma irá se manifestar como forma de repressão ao que denunciava. Entretanto, a ordem da técnica dodecafônica sucumbiu à reificação. O autor do artigo faz uma observação crítica extremamente responsável no sentido de que Schonenberg rompe com a tradição musical da época para estabelecer um marco que valorizasse a tradição da música alemã de Beethoven e Mozart. A seu ver, as críticas de Adorno a respeito da música de Stravinski mais parecem críticas morais do que propriamente estéticas. Também considera que tanto Adorno como Schonenberg compartilham de uma visão teológica em suas obras. Entretanto, é fundamental que a verdadeira música seja uma metamúsica e que sirva de entrave ao caminho da indústria cultural.

“Música, consumo e escola: reflexões possíveis e necessárias”, texto de Monique Andries Nogueira, é a reflexão acerca da formação do gosto musical através da intervenção do mercado, no qual a autora chama atenção ao fato do empobrecimento da audição nos cursos de pedagogia e da necessidade de uma reorientação curricular. Pondera a autora que há uma significativa confusão entre su-

cesso comercial e as qualidades estéticas da música, uma passividade diante do consumo; que a descartabilidade da música muda comportamentos; formas de reconhecimento e estratégia de divulgação e sucesso tentam desmitificar o ideal do gosto pessoal. É então que se estabelece através da música e dança uma simbologia de preconceitos, de erotização da infância que tende ao consumo de mais produtos. No contexto escolar, entretanto, a professora atua como reforço ao padrão cultural, pois é alvo dos mesmos mecanismos impostos pela mídia. Concluindo, a autora propõe que essa problemática seja incorporada ao curso de pedagogia para que possamos refletir e alterar essas relações.

Independentemente do fato de o livro ser caracterizado por uma reunião de artigos de diversos autores e sobre os mais variados temas, é certo que todos os textos traçam uma linha comum no que tange a conceitos, categorias e manifestações estético-artísticas que devem ser objeto de observação da teoria crítica. A relação ética contida na arte pode engendrar um processo de formação baseado na razão emancipatória. Porém, tudo que formamos é pura deformação. E o que a razão poderia ter formado também se deformou em promessa. Portanto, alguém deve romper com tudo o que nos é obrigado a deglutir pela indústria cultural. E esse esforço reflexivo, tendo presente nossas limitações, é uma das nossas maneiras de devolver o que nos é posto “goela abaixo”.

